

POR QUE ESCREVO?

 HUGO AMARO

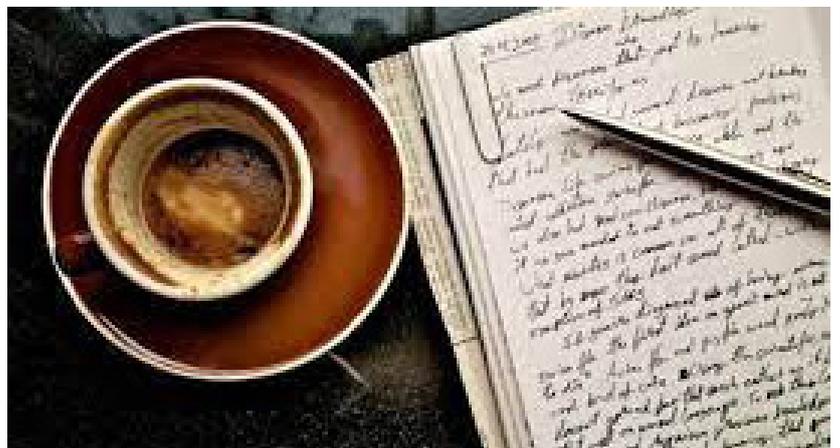
 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.263>

N

ada parece valer a pena se a alma não for pequena. Olha-se em redor e a multidão de olhos vidrados acerca-se de um qualquer jogo de posse, sobre algo ou sobre aquele que o não tem, numa competição feroz e infundável. Tudo é falso, maquinação, predação engegueirada e pressurosa por um qualquer naco de poder, um palmo de terra, a conquista de um trapo que envaideça, um chinelo que realce o pé ou a glória de dominar o mundo. E tudo se atropela para o conquistar na hipocrisia e no cinismo da crueldade humana, do Homem como animal predador. O ego humano precisa de estímulos que

o confortem e engrandecem e a febre de poder não é mais do que uma vontade inconfessada e subconsciente de ser amado, idolatrado, necessário. Ou uma falta mesma de amor que se compensa na ânsia desvairada de poder.

Erguem-se fortunas por sobre a trapaça, por sobre a miséria, a fome, a iniquidade, a humanidade consumida pela ferocidade do homem lobo do homem. Erguem-se abrigos, tijolos de felicidade e conforto e de um passo tudo se destrói com a insanidade da guerra. Erguem-se poderes bélicos capazes de dizimar países, o mundo, e as nações armam-se contra um inimigo que não é mais do que um irmão feito da mesma carne e osso, de um mesmo planeta. E não temos outro. Um dia terá de vir em que as muralhas, a competição, o feroz egoísmo, serão substituídos pela partilha, pela



cooperação entre seres humanos pensantes e compassivos e aí talvez terá fim a cegueira pelo poder, a exploração humana, a injustiça, a carência, a destruição endoidecida do planeta. Um dia alguém há-de trazer a luz com uma nova filosofia da vida que construa uma nova ordem económica mundial que supere a alienação inumana e desenfreada da expressão do capitalismo autofágico e cruel e que recentre a vida no primado da pessoa humana, num mundo que tem a capacidade de satisfazer todas as verdadeiras necessidades. Talvez que eu seja um sonhador, mas é de sonho que é feita a vida e a poesia.

Afora a obsessão ilimitada pelo poder, por um qualquer poder, a natureza humana parece pulsar unicamente pela escravidão incontornável do prazer, a apetência pelo sexo puro e duro e as suas fantasias mais resguardadas e obscuras, assumindo igualmente contornos de poder. O Homem é naturalmente um ser sexuado e essa faceta essencial deve ser livre, espontânea e não coarctada. Mas tudo se parece reconduzir ao prazer sexual, às manifestações e à expressão dos desejos mais profundos, ainda que recalcados e contidos sobre as paredes cínicas e hipócritas da moral, do ópio religioso e da castração sexual.

Nesta sofreguidão pelo poder e pelo prazer, em que o Homem incessante-

mente se esgaza, parece esvaír-se a sua natureza sensitiva e apaixonada, a sublimidade do prazer sexual apaixonado e amoroso, a sua capacidade ilimitada e incontornável de amar. Este o nosso destino, no dizer de Carlos Drummond de Andrade, amar, amar sem conta, ainda que distribuído pelas coisas perdidas ou nulas, numa doação ilimitada a uma completa ingratidão. Só o amor dá sentido à vida e cada um viveu tanto quanto amou, na asserção certa de Tolstói.

Por tudo isto se escreve. Pela inelutável vontade de dizer o pensamento, pela incontornável necessidade de ecoar a revolta, de gritar a tristeza e a dor e o que nos crucifica o coração, a inquietação constante e surda que nos martiriza o pensamento. Não sou um escritor, não posso querer ser um escritor. À parte isso tenho o sonho de que me seja dado tempo de poder dizer tudo. Escrever é traduzir o pensamento em palavras e quão difícil e tortuoso é dar vida escrita ao pensamento, às emoções. E é preciso amar as palavras, as letras belas, cruas e luminosas que dão expressão acertada às ideias, aos sentimentos, às sensações. Não sou um escritor, mas amo as palavras, todas as palavras. As palavras nobres que fazem dizer o indizível na poesia, na



canção, na paisagem, no amor. Amor, a palavra essencial que faz a vida valer a pena e nos distingue profundamente como humanos, inútil que é para o fim dos dias o pecúlio, a posse, o insaciável ter. “Circundate de rosas, ama, bebe e cala. O mais é nada”, disse o poeta maior.



Amo as palavras que nos fazem comunicar socialmente, expressar cordialidade, simpatia, laços de amizade, a sã convivência, o respeito, o civismo, amolgadas nos trejeitos deseducados de quem não tomou o chá certo na infância e se animaliza na estrada, imbeciliza o confronto, estupidifica o debate.

Amo as palavras dos que não sabem usá-las porque não as aprenderam, a sua autenticidade, a sua força vernácula e telúrica, simples, claras e objectivas, libertas de redondilhas e rococós bacos de quem procura esconder na esterilidade das palavras, a incompetência ou a presunção de um saber superior que é indiferente, que não acrescenta, que não alumia.

Amo as palavras que transformam a realidade, as palavras livres, inconformadas, que questionam, que constroem criticando, que lutam, que desmontam o “statu quo”, as palavras que nenhum poder pode cercear ou agrihoar, mesmo que silenciadas ou não ditas.

Amo as palavras que desconcertam

medíocres e patifes e a sua pobreza de palavras, vomitadas em função de um qualquer interesse mesquinho, num lodaçal de grunhidos alarves que atraçoam e agridem a sua beleza.

Amo as palavras que nos interligam como seres pensantes, que fazem nascer ideias e pensamentos, o mundo girar em progresso, e onde se procura refúgio silencioso quando os verdadeiros debates não se fazem, quando o essencial se perde nas minudências acessórias de uma realidade contingente que não é para levar a sério.

Amo as palavras que são a nossa pátria, a sua diversidade e riqueza, a sua capacidade imensa de revelar imagens, de ilustrar a exactidão do pensamento, desperdiçadas no cadafalso das vozes ineptas, padronizadas, burocratizadas, repetições da vulgaridade.

Amo a palavra arma, que se empunha certa contra a injustiça, a desigualdade, a prepotência, a palavra que denuncia a vigarice, os lobos que não cedem as espadas, as sobrancerias fúteis, que desnuda o poder nefasto do homem sobre o homem.

Amo as palavras impoluto, sério, capaz, maculadas nas artimanhas manhosas e invejosas de bichos sarnentos, espumando a raiva da vontade de destruir o brilho que não lhes assiste, as palavras honestidade, verdade, ética, travestidas na boca de aldrabões e chicos espertos.

As palavras inquietação, questionamento, revolta, perante a iniquidade do drama pungente da fome no mundo, fomentado por um selvagem poder das armas, no círculo vicioso das economias estranguladas.

Amo as palavras malditas que atormentam verdades adormecidas, consciências pesadas, cinismos embaciados, a fragilidade de equilíbrios vulneráveis.

Amo as palavras compaixão, solidariedade, do homem que sofre, que se dilacera, na dor, na doença que o consome, no abandono, na solidão, ausentes da boca do pateta que se ri indiferente, que se acha imune, intocável.

Amo as palavras humoradas, sem custos, que derrubam fronteiras, criam pontes, incomodam intestinos desregulados ou maus fígados de asnos que as não têm.

E amo, sobretudo, as palavras pérolas atiradas a porcos, ruminadas, mas incompreendidas, zombadas no atrevimento da ignorância ou da aleivosia.

De todas as palavras escolho mar porque ilha, água, imensidão, liberdade, porque sonho.

Bernardo Soares, heterónimo de Fernando Pessoa escreveu no Livro do Desassossego que a sua pátria era a língua portuguesa e a língua portuguesa é a pátria que une portugueses e brasileiros. A sua imensidão é tanta quanto a terra por que se espalha a terra de Vera Cruz. A nossa pátria é rica, densa

e permite albergar com os seus vocábulos qualquer pensamento. Haja pensamento que a use e esgote. Esse é o seu dilema actual. Cada vez mais a sua vastidão se perde por falta do seu domínio e conhecimento e pela dificuldade na elaboração de pensamentos que permitam dar largas à sua riqueza vocabular. A estreiteza mental vem-se agudizando assustadoramente e agoniza a profundidade do pensamento. Tudo se circunscreve a um entendimento uniformizado, superficial, limitado e para o qual a habilidade vocabular se satisfaz com uma enumeração ínfima que permita revelar o afunilamento do pensamento, que permita expressar uma vivência apressada e fútil nas redes sociais, na modernidade líquida de Bauman, onde tudo é volátil e adaptável. Tanto que até a inteligência artificial já se permite fazer melhor do que muitos seres humanos, com ferramentas que deixam escrever e dissertar sobre qualquer coisa. Mas por mais que a artificialidade avance nunca poderá substituir o engenho humano e a sua essencial capacidade de sentir emoções e as extravasar. E por mais que se digitalizem livros, e o seu conteúdo esteja intacto nesse formato, nada substitui o velho livro impresso, o corpo escrito que cheira, que se toca, a individualidade de uma coisa única, palpável, nossa, com a qual se cria uma relação de intimidade intelectual e afectiva, fiel guardião

das palavras, os caracteres que tornam eterno o pensamento. Uma vez escritas, as palavras subsistem-nos, vivem mil anos por aí, até morrer a língua em que foram escritas ou o planeta girante em que tudo isso se deu. Mas hoje ninguém lê, ninguém quer ler, mais do que uma ou outra tirada sonante ou um título bombástico mais ou menos condizente com os sentimentos ou sensações padronizadas e simples que se quer extravasar, bastas vezes com uma errónea paternidade ou autoria. Fernando Pessoa é citado por coisas que nunca lhe passaram pelo pensamento, nem fazem parte do inimitável universo pessoano. Hoje a gente sacia-se com o sabor das imagens, da exibição de poses e atitudes, querendo absorver tudo rapidamente sem tocar verdadeiramente em nada, na euforia de um ego afunilado e alienado que precisa ser acarinhado, idolatrado. A legião de imbecis na Internet de que falava Umberto Eco, que dantes só protagonizava na tasca. Perde-se o valor do toque, a profundidade e a suavidade do sentir, do ser, em troca de uma qualquer exibição virtual e o seu aconchego.

E não há tempo, não há tempo a perder com aquilo que confronta, com tudo aquilo que faz pensar e doer. Tem-se medo do que não se conhece ou domina ou nos põe à prova, do que nos faz sentir nus, diante de uma verdade que não se quer ver, de uma realidade

crua que é premente fantasiar, evitar, escamotear, a essencial falta de sentido da vida e a inelutabilidade da morte. Ergue-se o ódio e a intolerância às mãos nefastas de uma pretensa desideologização que esconde agendas ideológicas perversas, de eliminação da diferença, da pluralidade, da riqueza e diversidade da vida, tudo se recen-trando numa corriqueira e vazia atitude politicamente correcta, de uma neutralidade venenosa.

Mas com tudo isto, por que escrevo? Porque é preciso denunciar, desmontar artimanhas e os sedativos do capital, alertar consciências, dar loas ao amor, repor o que é básico, o que é essencial à vida humana. E é preciso resistir, persistir e empunhar a liberdade, sempre.

Não alcanço e entendo o meu processo criativo, porque as palavras não são minhas, alguém estranhamente as põe ali por mim, tomando a minha mão e certamente vai desfiando o meu pensamento, coisas que eu senti, sinto como minhas, as minhas emoções arrebatadas, os meus ecos de revolta, a minha vida interior, inteira e dura, as minhas mágoas necrosadas, os meus subsolos lodosos e num repente faz-se luz e desabrocham frases, ideias, palavras.

Sei que não posso morrer sem dizer tudo o que em duras golfadas me atravessa a garganta e me faz sufocar. Escrevo para viver, para sobreviver, para

assassinar em mim a dura lucidez, os laivos de dor e desespero. Escrevo para que a realidade não me mate a vida, para que o peso do seu desnorte me não impeça de continuar, de persistir. Ah como eu queria a profundidade serena do olhar do meu bichano, a sua imensa e tranquila sabedoria e a serenidade de quem não sabe que vai morrer.

Mas eu penso, mas por que penso? Que maldição é esta que me faz questionar tudo, incessantemente? Ser um ser pensante não é uma vantagem, antes um frio castigo, uma cruel maldição. Se eu vivesse só, como a minha engomadeira, as penas duras e conformadas da existência impensada, talvez fosse feliz.

Escrever é um apelo, um pedido subliminar a alguém que nos toque, nos compreenda. Escrever é querer tocar em alguém profundamente, fazer suas as dores lancinantes que nos ferem e oferecê-las numa apertada e entristecida simbiose.

E enquanto isto, os filhos da puta, espreitam ávidos e aleivosos.

Hugo Amaro
Funchal, Maio de 2023



HUGO AMARO NASCEU NO FUNCHAL EM 1962, ONDE PASSOU A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NO SEIO DE UMA FAMÍLIA NUMEROSA. MUDA-SE PARA COIMBRA, NOS ANOS OITENTA, ONDE SE LICENCIA EM DIREITO. EMBORA APAIXONADO PELO AMBIENTE INTELLECTUAL DA LUSA ATENAS, REGRESSA AO FUNCHAL, PARA EXERCER ADVOCACIA, ATIVIDADE QUE CEDO ABANDONA PARA ABRAÇAR FUNÇÕES NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DE CONSULTADORA E ADMINISTRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE. DE PERSONALIDADE INSTROSPECTIVA, CEDO REVELOU UM GRANDE PENDOR PARA A ESCRITA, COM A LEITURA ABSORVENTE DE GRANDES ESCRITORES A SERVIR-LHE DE INSPIRAÇÃO. COARCTADO PELO “STRUGGLE FOR LIFE”, FOI ADIANDO OS SEUS ÍMPETOS LITERÁRIOS, ATÉ QUE EM JUNHO DE 2020 PUBLICA, COM A CHANCELA DA VIEIRA DA SILVA, O SEU PRIMEIRO LIVRO, “RIO PERCORRIDO/PEDAÇOS DA VIDA”. PUBLICA PELA EDITORA MENTES ABERTAS A VERSÃO BRASILEIRA DE “NININHA” (2021) E “AS SOMBRAS DA NOITE” (2022).

CONHEÇA!

